

1.

Introdução

Tempo... escrever demanda tempo, tempo de espera, tempo de gestação, tempo de reflexão. O tempo faz parte do engendramento das idéias e da descoberta dos sentimentos. Toda revelação advém de um tempo que não sabemos direito qual seja, mas que existe e que marca. Num certo dia, ele explode e se transmuta em letras e preenche páginas em um dizer já antes ouvido, antes sentido, antes pensado.

O tema desta dissertação é a invisibilidade. São discutidos aspectos de uma experiência subjetiva vivenciada por quem habita um lugar que não existe no mapa da cidade, sendo considerado invisível. Este lugar é Água Mineral, uma comunidade localizada no município de São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro. Portanto, para que essa invisibilidade seja vista, registrada e assim tornada visível; para que esta invisibilidade seja falada e para aqueles que sofrem suas conseqüências consigam se apossar dela e assim, talvez transformá-la, há de se ter tempo, há de se dar tempo.

Nesta dissertação tive de lidar com tempos diferenciados: o tempo de conhecer como se chegava à Água Mineral, o tempo de conhecer a comunidade de Água Mineral, o tempo de lidar com o que pensava que sabia sobre Água Mineral, o tempo de propor aos jovens a atividade de fotografar Água Mineral, o tempo de uma semana para as fotos serem tiradas, o tempo de revelação das fotografias, o tempo das entrevistas e o tempo desta escrita.

Digamos que ao longo desse processo todo, utilizando a metáfora de Almir Sater, fui tocando em frente, esperando esse tempo ser cumprido, vivido e vivenciado. Tive de andar devagar já que antes tinha pressa: pressa de trabalhar, de fazer o serviço e voltar para casa; os moradores igualmente tinham pressa, tinham de sair para trabalhar, voltar, fazer o almoço, as crianças tinham de ir a aula, tinham de subir e descer escadas, os jovens tinham uma longa estrada para andar... Tivemos de desacelerar nosso tempo para podermos perceber Água Mineral como um lugar que existia para além da sua não existência no mapa da cidade, tivemos de perceber o sorriso por detrás das denúncias de descaso, tivemos de perceber que levávamos uma certeza “que muito pouco eu sei, eu nada sei”. Para que eu soubesse de Água Mineral, primeiro tive de tirá-la do anonimato

que ela era para mim mesma; depois tive o desejo de compreender a não existência desse lugar que, na verdade, existia com tanta força. Tive que partilhar com moradores seus olhares, cruzar imagens e sentimentos; tive eu de ser aquela que propunha a eles uma possibilidade de dar visibilidade ao lugar onde eles moravam. Eu, estrangeira, forneci a eles um instrumento: a máquina fotográfica; e uma demanda: me mostrem como vocês vêem seu lugar. Construía, assim, um espaço de troca... porque como diz o poeta, “É preciso o amor pra poder pulsar, é preciso paz pra poder sorrir, é preciso a chuva para florir”, ou seja, é preciso não somente um espaço de realização, é também preciso um tempo de reflexão para que haja flores surgindo, e essas flores, esses sorrisos vieram em forma de imagens e depoimentos.

O mesmo poeta marca que no cotidiano há algo que se perde, porém igualmente há algo que ali permanece, e que permanece enquanto possibilidade de mudança, pois o ser humano, dono de sua história, pode mudá-la, quando possível. Diz-nos Almir Sater:

Um dia a gente chega, no outro vai embora
cada um de nós compõe a sua história
e cada ser em si carrega o dom de ser feliz

Os sentires, as imagens que são guardadas em todos nós, carregadas dentro de nós, constroem essa nossa história e, com ela, o “dom de ser capaz de ser feliz”. Apostando nesse trilhamento, nessa potencialidade do ser humano, apesar de todas as diferenças e adversidades, esta dissertação, igual aos poetas, apostou em uma intervenção. Apostou que imagens associadas a um tempo de se falar sobre elas poderiam trazer mudanças. Uma imagem que suscitasse espanto, encanto, denúncia, poderia, talvez, ser o cerne de mudanças maiores, que um dia podem vir a acontecer, já que levamos “esse sorriso porque já choramos demais”. Ao darmos aos jovens de Água Mineral a oportunidade de falar de sua comunidade, de retratá-la, apostamos que não haveria somente “choro demais”, mas que haveria “flores”, que haveria esperança de poder ser ouvido, visto e sentido.

Assim, esta dissertação construiu um percurso. O primeiro capítulo fala da importância dos lugares para a constituição do sujeito. Este tema abre a dissertação porque, se quero pensar o lugar como algo que constitui o sujeito,

posto que é identitário, histórico e relacional, ou seja, é nele que se cria um espaço de referência, então é preciso pensar qual espaço este sujeito tem ao habitar um lugar que não existe no mapa geográfico da cidade. O tema deste capítulo é discutido a partir dos ensinamentos e reflexões dos seguintes autores: Vilhena, J., Sousa, E., Auge, M. Santos, M. e Spink, P. Para isso, é feito um convite de visitarmos alguns lugares invisíveis, antes de irmos diretamente ao nosso lugar de estudo, denominado Água Mineral. Num primeiro momento, construí cenas advindas da memória. Falei do Beco dos Trilhos, uma comunidade situada em Cachoeira do Sul, cidade onde eu vivi por quinze anos. Este lugar não era visível para os habitantes da cidade, posto que ali estava tudo aquilo que não se queria ver. Depois caminhei até Convington, o lugarejo invisível do filme *A Vila*, para ilustrar o tema que começa a ser apresentado. Em seguida é apresentada Água Mineral, comunidade localizada no município de São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro, onde foi realizada a intervenção descrita nesta dissertação.

O segundo capítulo trata do tema central deste trabalho, a invisibilidade. Descreve e reflete sobre o que significa e quais as conseqüências de se morar em um lugar percebido e referenciado como sendo um lugar nenhum, a partir das contribuições dos seguintes autores: Soares, L.E., Costa, F. e Valadares, J.. Trago, neste momento, algumas falas e fotografias advindas da intervenção feita na comunidade, apresentada e analisada no último capítulo desta dissertação.

No terceiro e último capítulo, “Do lugar nenhum a um lugar possível: a fotografia revelando Água Mineral”, descrevo a experiência feita nesta comunidade com o uso da fotografia como instrumento para conhecer de que forma os moradores a percebem e a vêem. Descrevo como cheguei em Água Mineral, quais questões me suscitaram este lugar e como foi delineada a intervenção. Esta foi baseada no método autofotográfico, descrito por Neiva-Silva, L. e Koller, S. (2000). Foi entregue uma máquina fotográfica descartável, contendo 24 poses, para quatro jovens moradores de Água Mineral. A eles foi feita a seguinte pergunta, pedindo que tentassem respondê-la através dos seus registros fotográficos: “como você vê o lugar onde mora?”. Após a revelação dos filmes, foi realizada uma entrevista individual com cada um dos participantes, onde o objetivo era aprofundar as suas percepções a respeito das fotografias. Também foi pedido a eles que escolhessem as imagens percebidas como as mais

importantes e as nomeassem. A partir deste material, destacamos três aspectos que compõem os registros e o discurso dos jovens: a invisibilidade do lugar e suas conseqüências para seus habitantes; a busca por encontrar nele algo que os façam se sentir pertencendo, tendo um lugar de referência; e a fotografia como um recurso possível para desvelar a invisibilidade e revelar a Água Mineral que está em seus habitantes, assim como os habitantes de Água Mineral.

Iniciemos, então, este percurso que começou há muito tempo atrás, em algum lugar do passado, Cachoeira do Sul, Bairro Soares, Beco dos Trilhos e veio encontrar uma paragem neste lugar que é Água Mineral. Conheçamos este lugar e sua gente.